

F
92
B238s

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

RUY BARBOSA

DEFENSOR DO HOMEM

SEPARATA DAS "PUBLICAÇÕES DA CASA DE RUY BARBOSA"

(CONFERÊNCIAS)

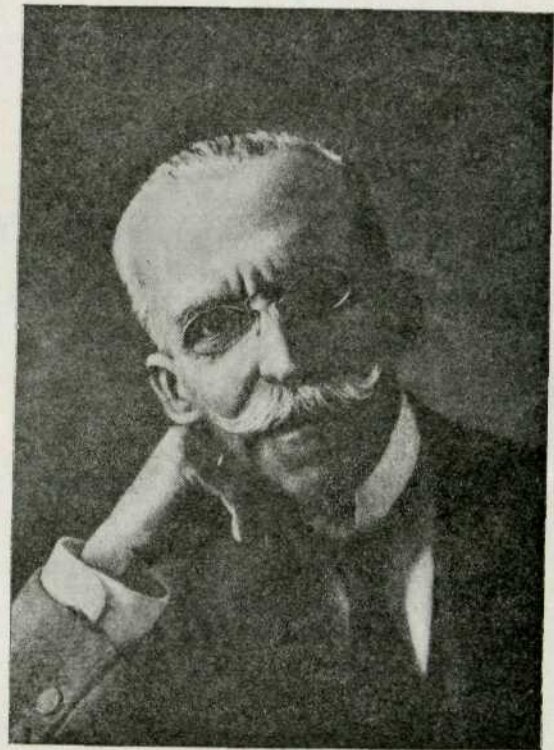
IMPRESA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1942

RUY BARBOSA
DEFENSOR DO HOMEM

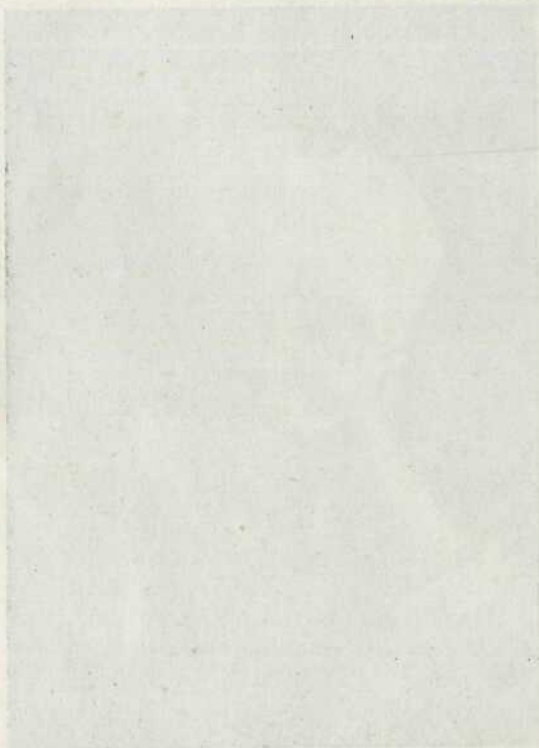
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

(CONSERVADOR)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
EXEM. P. 12	
NÚMERO	DATA
F1825	15/9/56



Ruy Barbosa em 1913.



RUY BARBOSA, DEFENSOR DO HOMEM

Conferência realizada na *Casa de Ruy Barbosa*
a 11 de agosto de 1939,

por

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

RUY BARBOSA, DEFENSOR DO HOMEM

Não sei bem, meus senhores, como explicar a minha presença aqui nesta hora, inaugurando a série organizada pelo sr. Américo Lacombe, figura que alia ao entusiasmo da mocidade e a uma nítida e clara inteligência as virtudes de reflexão, de gravidade e de escrúpulo, que o tornaram realmente tão indicado para desempenhar a honrosa missão de diretor desta Casa, onde se guarda o que pertenceu ao insigne vulto, a que viemos hoje prestar nossas homenagens.

Não sei bem, nem posso explicar como aceitei tarefa tão difícil para mim; e porque o meu nome e não outro foi o escolhido para fazer o elogio de Ruy Barbosa, elogio tão significativo neste momento da vida brasileira.

Desejou de certo o organizador destas palestras que, entre as vozes ilustres de homens saturados pela experiência da vida pública, professores e cultores eminentes das letras jurídicas, como Anibal Freire, Martinho Nobre de Melo e Francisco de Campos, que também virão aqui falar, se misturasse uma voz presumivelmente capaz de traduzir a impressão que Ruy Barbosa deixou nos que o compreenderam apenas de maneira geral e incerta, fora daquelas esferas em que a sua ação de doutrinador, de jurista, de homem público e de tribuno se desenvolveu.

E' possível que desejassem ouvir também a voz de alguém que pertenceu a essa geração, que mal ainda se agitava nas horas iniciais da sua formação, no momento em que o campeão corneliano das liberdades encontrava no sono eterno o merecido descanso de uma vida de lutas ásperas, de incessante trabalho, de sofrimentos e desilusões.

E' bem possível que desejassem ouvir aqui, nesta Casa Nacional de Ruy Barbosa, neste mesmo lugar em que ele passou as

horas mais intensas, ardorosas e fecundas da sua vida, o eco, a impressão quase apagada, que a sua figura deixou na imaginação dos que mal surgiam ainda, quando já estavam chegadas as horas finais do grande homem.

Ao lado dos que podem, em perfeito conhecimento, estudar e discutir Ruy Barbosa, analisando as suas idéias e explicando a sua visão de mestre do Direito e julgando as suas realizações na vida pública, ao lado da opinião dos doutos, — a opinião do leigo, de quem viu Ruy Barbosa num dia distante, somente como um mito, um ser excepcional e de proporções titânicas; depois, como a imagem de um tempo passado e que não torna; e agora, finalmente, na exata e serena expressão da sua nobre glória.

Ao aceitar este convite, meus senhores, quis submeter-me a um ato de humildade: primeiro, porque não posso julgar e conhecer o que constitue a parte fundamental da obra de Ruy Barbosa; segundo, porque falo precedendo mestres que o irão analisar melhor e de mais perto, no pleno conhecimento da sua técnica e da sua cultura.

* * *

Ao falar-vos nesta hora, meus senhores, permiti, inicialmente, lembrar-me um pouco de mim mesmo e dos meus tempos colegiais, e a vida assim me parecerá, agora que estou diante de vós nesta Casa, um sonho impossível.

Permiti lembrar-me de uma recuada noite de internato, quando, em plena campanha política e na volta de uma excursão ao norte do Brasil, Ruy Barbosa foi recebido em delírio, como candidato das mais nobres e ilusórias aspirações liberais desta cidade. Nessa noite, que evoco neste instante, chegavam até à sala de estudo do velho colégio, que era o Mosteiro de São Bento, no alto do morro, a cavaleiro do mar, amortecidos pela distância, os gritos e ruídos das manifestações, com que as ruas assinalavam o seu candidato. Lembro-me confusamente do que senti então, e de como Ruy Barbosa me aparecia, nimbado de uma luz transfiguradora na sua tão falaz vitória popular, aclamado como um guia do país, como um libertador incomparável, como o salvador da Pátria, sal-

vador de perigos que desconhecíamos, mas que nos pareciam terríveis e, sem ele, inevitáveis. Há um rumor que sobe até o morro de São Bento, e este rumor parece que o estou ouvindo ainda hoje, nesta sala, e penetra pelas largas janelas com os seus velhos gradis e esvoaça pelo teto lavrado de pau santo de antigamente. Era, então, a hora em que a imaginação trabalhava liberta dos seus limites, e ao ouvir o rumor, que a distância sufocava, dos manifestantes ruystas, um desejo impossível me tomava de descer as ladeiras e precipitar-me eu também na multidão que aclamava o Herói e que, talvez, conjecturava a minha ingenuidade, estivesse iniciando com ele os primeiros passos de uma luta cruenta pelo bem e pela salvação do Brasil.

Em casa, desde que me dou conta de mim, recordo-me sempre de meu Avô, ruysta e civilista exaltado, lendo de maneira emocionada os discursos que os jornais traziam, à noite, com os óculos sobre a testa, na modesta mesa, na casa da rua distante e tranquila.

Ruy Barbosa era tudo então. Nos grêmios literários da meninice, nos discursos das festas escolares, e sempre, a fórmula — “embora não sendo um Ruy Barbosa”, ou — “embora não tendo a eloquência de um Ruy”, e as suas outras inúmeras variações, era a fórmula comum, usada e repetida por todos em todo o Brasil. A sombra de Ruy encheu o país, dominara tudo, possuira o próprio coração da infância, transformando o homem público num condestável, num sábio de todas as sabedorias. As lendas em torno de sua figura corriam mundo aumentadas, enlouquecidas pelo exagero. O esplendor da vitória de Haia circulava como se tivesse ela constituído um momento decisivo da existência brasileira, a nossa grande batalha, em que um homem pequenino e desconhecido, de um país desconhecido e inédito, empolgara e vencera a todos, com uma inteligência que era, segundo posso julgar, a própria face infinita do verbo, com um conhecimento numeroso e completo de tudo. Era no tempo em que se contava, e com que admiração contrita eu mesmo ouvi alguém contar o episódio, — o milagre das línguas. Espalhará-se então entre nós que Ruy Barbosa falara na famosa conferência em todos os idiomas, respondendo aos delegados dos mais diversos países, discutindo, imprecando, vencendo, afirmando babelicamente em todas as línguas.

guas — em russo, em alemão, em chinês, em sueco, dando assim ao mundo, pasmado, um espetáculo surpreendente e nunca visto.

Assim era Ruy Barbosa olhado pelos nossos olhos nos tempos distantes, no tempo dos mitos e da infância heróica. Assim nos apareceu ele um dia, deshumanizado pela imaginação popular. E nisto foi um caso único entre nós, o caso singular de alguém que se ultrapassou em vida, que realizou o milagre da glória completa e da criação do próprio super-homem. Assim o contemplamos um dia. Mas o que está, meus senhores, impregnado da poesia da infância, não desaparece jamais de todo no homem. E é por isso, talvez, que hoje, nesta Casa, que foi a sua casa, nesta sala, em que a sua grande-pequena sombra ainda resiste à ação realista do inexistente tempo, não vos posso falar dele sem a antiga emoção, sem um respeito religioso pela figura prodigiosa do homem que estamos evocando neste momento.

Ninguém terá no Brasil conhecido glória tão alta e plena como Ruy Barbosa. Todo o país, desde a proclamação da República até o fim do governo Epitácio Pessoa, como que viveu assistindo ao espetáculo da pregação e da atividade política e jurídica do "leader" do liberalismo, do professor da justiça, do homem intemorato que afrontou e desafiou situações, que nunca desfaleceu, advogando todas as grandes causas do seu país e algumas das grandes causas universais.

Morto, porem, Ruy Barbosa, o mundo de que ele fora pelas suas idéias e atitudes figura tão representativa e exponencial, como que acabou de súbito também, e a sua glória começou a ser solapada pela dúvida. O olhar diferente dos que nasciam sob a inspiração dos novos tempos, principiou a despir aos nossos olhos o herói das suas roupagens ideais, e a entrar no exame impiedoso da grande figura, procurando diminuí-la, limitá-la, e mesmo expulsá-la para o reino das sombras, onde descansam os que brilharam apenas na sua hora, os que não traziam o destino da grande duração e as qualidades que marcam os homens para sempre na memória dos povos.

As idéias que o tribuno incomparavel pregava e defendia com tão singular ardor, passaram a ser desdenhadas, consideradas obsoletas e mesmo ridículas.

E' que dois novos rios ideológicos já principiavam a dividir a geração, a que pertence quem vos está falando, que era a moci-

dade brasileira, reflexo de todas as outras mocidades do mundo. Um dos rios corria para a direita e outro para a esquerda; e ambos se confundiam afinal, no mesmo áspero mar de ódio definitivo ao palavriado liberal, no mesmo desdem pelo tão proclamado direito do homem, na mesma incompatibilidade fundamental com o famoso individualismo, palavra que marcava aos nossos olhos toda a infâmia do denominado "estúpido século XIX". Ruy Barbosa passou, então, a ser, de um momento para outro, a encarnação, a bandeira das idéias desprezadas, que não moviam e não emocionavam mais ninguém.

De um lado e de outro, da direita ou da esquerda, a minha geração principiou a conceber o mundo dentro de uma espécie de adoração pelo Estado, que se realizava ou em si mesmo, ou na figura de um chefe, que procurávamos inutilmente, e que encarnava tudo e a tudo resumia.

Cansados da liberdade de gritar, de clamar, de protestar, voltamo-nos todos nós, mocidade preocupada com tais problemas, para as fórmulas extremas, para os regimes absolutos, para a novidade da anulação da vontade e das prerrogativas do homem, na vontade e nas prerrogativas do soberano Estado, senhor das vidas, dos bens e das inteligências. Fascismo ou comunismo eram os polos de atração, por onde forçosamente tínhamos de seguir, sem outra alternativa. E à medida que esse sentimento de nítida definição, que essa necessidade instintiva de optar que vinha conosco, se ia tornando poderosa, urgente, dominadora, a figura de Ruy Barbosa se ia afastando de nós, envolta no manto de uma velhice, de um descostume que descera repentinamente sobre a memória recente do antigo mito, do salvador, do Messias democrático. E o declínio de Ruy foi crescendo sempre mais.

Desconheceram-lhe alguns, a princípio, os altos méritos da inteligência; negaram-lhe outros, depois, a generosidade das idéias; procuraram transformá-lo, em seguida, num utopista, no homem que servira, com a sua influência inegavel, com a força do seu sortilégio, jamais atingido por nenhum outro entre nós, para manter a ilusão brasileira, para agravar o bovarismo nacional, fazendo com que a terra inculta é desorganizada se imaginasse capaz de possuir algum dia um regime à feição inglesa, com os seus equilíbrios, com as suas garantias jurídicas, com o seu respeito sagrado aos direitos do homem.

Ruy Barbosa, que, ao amanhecemos para a vida, encontramos como herói máximo da Pátria, passara, em poucos anos, ante o império um tanto bárbaro das novas gerações afirmativas e sequiosas de outras experiências, a ser considerado um homem retórico, inteiramente divorciado daquela realidade nacional, com que enchemos a nossa imaginosa ambição de conhecer as coisas nos seus termos verdadeiros, exatos e cruéis. Para os realistas, ele, Ruy, passou a ser o utopista máximo, e a sua velha igreja liberal foi, aos poucos, despovoando-se de fiéis, aos poucos perdendo a atmosfera de entusiasmo, de vibração e de vida. Apenas alguns retardatarios deixavam-se ficar rezando nos últimos bancos, numa afirmação emocionante, mas ingênua, de confiança e de fé naquelas sonoras palavras de liberdade e no primado do direito sobre a força. Para esses, como também para a grande massa, como viemos a saber depois, Ruy continuava o Messias do Brasil, a palavra suprema e magnífica. Mas os tempos eram contra elles e tinham que terminar, devotos e massas, com os seus cultos e suas crenças escondidas!

As velhas palavras do catecismo liberal soaram ridículas na atmosfera realista e trágica do mundo contemporâneo.

Como estou vendo as coisas do ângulo da minha geração, haverá em tudo que vos estou dizendo um tom porventura demasiadamente simples, e que vos parecerá talvez um tanto rígido e imaginoso, mas nessas incertas palavras julgo ter traduzido a nossa experiência sobre Ruy Barbosa e o apogeu e o declínio que ele conheceu num momento em nossos corações e em nossos espíritos.

Ao abrirmos os olhos, ele era tudo, dominava as multidões, era o padrão, a medida do valor, da sabedoria, o gênio assombroso, incomparavel; depois, e em pouco tempo, passou a ser o símbolo de uma época desaparecida, um puro fenômeno de verbalismo incontido, um ser prejudicial ao seu país, e só agora é que ele principia a reaparecer aos nossos olhos, na sua exata posição, na justa medida da sua importância.

O que pensamos, porém, meus senhores, um dia, de Ruy Barbosa, e o que passamos a pensar em seguida, pouco importa. As gerações estão em face dos grandes homens, como os trens que contemplam as paisagens, que passam correndo. Às vezes elas nos aparecem tocadas pelo sol, maravilhosas de graça, surpreendentes nas suas formas, luminosas e esplêndidas; outras vezes,

porém, quando o tempo é diverso, são elas monótonas, infelizes e tristes de olhar. E' que em tudo sempre estamos dependendo da hora, do que ela nos dá ou nos nega, da luz que contem ou das sombras que a envolvem e sepultam.

Estamos diante dos grandes homens como trens atravessando trechos de estradas e cidades. Tudo passa aos nossos olhos, mas, na realidade, nós é que passamos. O que é efêmero somos nós, o que é fugaz são os nossos julgamentos. O grande homem permanece e está fixado. Umhas gerações o reconhecem e se maravilham diante dele; outras se recusam a olhá-lo. E é assim pelos tempos. E Ruy Barbosa é um grande homem.

Ao largo da estrada brasileira é ele, como paisagem, um trecho tumultuário e por vezes excessivo, mas é alguma coisa de forte, de raro e de magnífico. E' uma grande cidade que surge, de repente, entre longas terras mortas, gritando no seu crescimento, desigual na sua fisionomia. Mas é impossível desconhecer o que significa, o que simboliza a força de que foi dotado e também a perenidade de algumas das suas idéias, que podem estar contra o tempo mas são eternas, e que um dia voltarão, porque se relacionam com a dignidade do ser humano, com o princípio de justiça, que é uma permanente e contínua aspiração das almas.

* * *

Não será de todo inútil marcarmos bem a profunda inatualidade de Ruy Barbosa no mundo moderno. Ele é de fato homem de um outro mundo.

Se vivesse nesta hora, seria a sua vida uma atroz, uma insuportavel melancolia. Todos os seus sonhos e todas as suas idéias estão derrotadas; por terra tudo que ele sonhou e pregou. Viveria nestes tempos como um fantasma, e o seu aspecto singular, no mundo de hoje, ou provocaria o sorriso indiferente ou traria arrepios de medo, como o da aparição do rei assassinado nas plataformas de Elsinor. Se ainda estivesse entre nós, teria assistido ao nascimento do que, segundo ele, se denominaria de certo a nova barbaria. Preconceitos de raça; perseguições; a falência dos regimes democráticos; o domínio definitivo da força sobre o direito, enfim, a instituição de uma nova ordem de coisas que se

pretende fundada, sem dúvida, num sentido mais realista e orgânico da vida e do mundo. O direito de opinião não mais considerado propriamente um direito, mas quase sempre uma provocação e um crime contra a estabilidade do "deus-Estado", senhor de bens e de vidas, distribuidor de pão, de idéias e de justiça!

O homem, cuja vida inteira se norteara na defesa dos cidadãos contra os poderes, assistiria à sujeição de tudo ao poder, ídolo novo, onipresente, onipotente e oniciente. Seria ele, se vivesse, um homem invisível; se falasse, sua voz não encontraria eco; de ninguém seria ouvida aquela grande voz, que encontrara um dia as palavras próprias para entusiasmar, exaltar e comover as massas, que hoje caminham num sentido tão diverso do que ele indicara e ensinara.

Chamavam-no Apóstolo e, no entanto, foi o último clarão de um grande fogo. Chamavam-no Profeta e, no entanto, marcou o fim de um tempo; foi a última grande voz em defesa de uma fase histórica e de uma mentalidade em agonia.

* * *

Ruy Barbosa foi, entre nós, um criador de ilusões. Aí está uma acusação que nós temos de aceitar como verdadeira e infismável. Ele soube criar, durante certo momento, para a sua pátria, uma atmosfera política que ainda não podia ser a nossa própria atmosfera. Deu ao seu país, ao longo de sua vida de combatente, de pregador, de advogado e de chefe partidário, as aparências de um nível de cultura geral, um estilo de vida política que não era realmente o nosso, que não possuíamos, que não chegamos jamais a possuir. Teve a força de se fazer ouvido, de empolgar, de arrastar, embora não chegasse jamais a vencer inteiramente, permanecendo sempre na véspera do domínio e do poder. Agiu nas consciências, sua palavra era oracular, seus julgamentos terríveis; sabia confundir o adversário, marcando-o, estigmatizando-o com seu verbo, quente de uma paixão, que estava sempre a crepitar. Ninguém jamais lhe ousara disputar a primazia no conceito público, no predomínio do inconstante favor popular; as forças realistas da política brasileira, contra as quais lutou ele

sempre, não lhe negavam a homenagem da não aceitação de uma luta no terreno da inteligência ou do alto debate doutrinário, reservavam-se apenas o modesto direito de lhe não entregar o governo, de jamais deixá-lo atingir a sua justamente ambicionada presidência da República. Inventaram para isto a teoria do "governo aos não preparados", teoria sempre muito seguida e praticada. Para a águia de Haia, os céus azues, o amor do povo, o conceito firmado do seu valor incomparável. Para os outros, para os que não se podem alçar e que mal caminham, as insignias do comando, da autoridade, da direção suprema. Para Ruy Barbosa, o governo dos espíritos, que ele de ninguém recebeu, sendo que o conquistou mesmo contra a vontade de muitos; o governo de fato, porém, para os que não logram nada de excepcional no plano da inteligência e do preparo.

À medida que a justa ambição de Ruy Barbosa ia crescendo e que ele se entregava à conquista do primeiro posto do seu país, ao mesmo tempo se iniciava e se intensificava uma singular campanha, que teve grande e longo êxito, campanha que consistia na prevenção contra a inteligência.

Um homem do mérito de Ruy Barbosa, no posto supremo da República, poderia ser a causa de uma incrível aflição nacional, proclamavam com ar convencido. O medo da inteligência, a timidez diante dos altos valores encontravam nessa tarefa terra propícia.

O poder para os medianos, para os razoáveis, para os seres de pequena ambição, de acanhados horizontes. Impossível entregar-se o país a um homem perdido numa tão grande biblioteca, escrevendo linguagem tão apurada e rica, e, o que era pior, com uma personalidade tão marcada, que emergia de um mundo, um tanto sufocante de preconceitos, oriundos todos eles de uma formação, de certa maneira enfática, como foi inegavelmente a de Ruy Barbosa.

Impossível entregar-se o país, consideravam, a quem já, de uma certa maneira, o dirigia; a quem era capaz de, sozinho, criar uma consciência cívica nacional, despertando no povo um milagroso sentido público, um sentimento poderoso e apaixonado e que, por vezes, se manifestava violentamente.

A luta de Ruy Barbosa, nesse campo puramente político, o combate que durou toda a sua existência, ele o travou com a ab-

sorvente organização que detinha o poder há longo tempo e que o ia conservando e transmitindo, mercê de um jogo avisado e realista, jogo que o doutrinador, o homem do ímpeto, o “deus” da opinião pública não lograva jamais vencer, batalhando, como ele sempre batalhou, num sentido diferente, e, de uma certa maneira, inocente, fraco de malícia e docilidade.

Em lugar de eloquência e em lugar de idéias, os adversários de Ruy Barbosa usavam sempre argumentos simples, traduzidos em práticas habeis. Deixavam a palavra magnífica e tratavam apenas de aperfeiçoar a máquina eleitoral, instrumento eficiente, de conservação e poderio. Luta inglória foi essa de Ruy Barbosa, longa luta entre o que era mesquinho e escravizado e a nobreza das realidades, a alma ardente, quixotesca, generosa e solar; luta entre o pensamento e as necessidades vigilantes e acordadas; entre o ideal e o que é condição necessária do real.

Ruy Barbosa teve, porém, o seu instante de vitória, afinal. Como as sementes que precisam morrer para que a vida surja delas e se processe na própria morte, a Revolução Brasileira de 1930 resultou ainda da ação doutrinária contínua de Ruy, mas quando este já era desaparecido. E’ certo que essa revolução tomou, depois de vitoriosa, um caminho diverso e contrário do caminho indicado por ele, hesitando, primeiro, entre as tendências mais extremas, e terminando por se encontrar com o que era em verdade a própria realidade brasileira. Mas o sopro violento, meus senhores, que derrubou as velhas situações, ainda era precisamente o mesmo que Ruy Barbosa soprara sobre o Brasil. As idéias que serviram para unir, em torno do fato revolucionário, as forças saudáveis e vivas da nacionalidade, eram ainda as mesmas forças subconscientes e secretas, trabalhadas há longo tempo pela preparação ruysta. E a própria linguagem usada na campanha das armas, as idéias pregadas e esposadas, as promessas feitas de respeito à verdade eleitoral, de descentralização política, de garantias efetivas das liberdades públicas, de direito das minorias, de todo o programa, enfim, da Aliança Liberal, que a eloquência de João Neves da Fontoura tão bem traduziu no seu momento, tudo isso trazia ainda a marca de Ruy Barbosa e vinha originalmente dele.

Como uma grande onda que se levanta para os céus e cresce muito, para depois tombar de súbito e ir morrer tranquilamente nas areias da praia, assim o nesso liberalismo, filho de Ruy Bar-

bosa, tentou ainda vencer pela última vez o destino do Brasil, e o venceu um instante. E’ que, mesmo depois de morto o herói doutrinador, o que ele nos deixou, as suas idéias sagradas, continuaram vivendo e agindo, senão nas *elites* intelectuais mais modernas, seguramente na consciência coletiva do país, e foram tão fortes essas idéias, que mesmo para morrer, que mesmo para serem banidas definitivamente, precisaram vencer e dominar, ainda que fosse um momento.

II

Impossível falar de Ruy Barbosa sem nos perdermos, meus senhores, nesses comentários gerais da vida pública brasileira, mas ele esteve sempre tão inseparavelmente ligado à nossa existência política, durante quase todo o período republicano, que é bem difícil tratá-lo de maneira pessoal e particular, isolando-o do que foi afinal o cenário do seu drama, desse drama vivido entre estas paredes, entre estes inúmeros livros, grandes amigos, paixão permanente de Ruy Barbosa.

Estamos, neste instante, meus senhores, na Casa em que viveu um grande homem, que foi, no seu tempo, o primeiro entre todos no país. A não ser o posto supremo, que não lhe deram, todas as outras situações vieram a ele humildemente e se engrandeceram com a sua presença. Membro do Parlamento e primeiro entre todos os que já passaram pelas Câmaras, ministro de Estado, fundador de um regime, chefe extraordinário de representações do seu país no estrangeiro, membro das mais altas Cortes do mundo, mestre emérito, figura múltipla, considerado pelo seu tempo um gênio nacional e assim proclamado, não caberiam nos poucos momentos que tenho para falar-vos, nem em toda uma conferência, os títulos que deram a Ruy Barbosa as prodigiosas coroas que para ele fabricaram com ouro bom ou com pobres metais; mas eu estou, meus senhores, certo, no entanto, que, de tudo que se disse dele e de tudo que lhe foi dado, nada agradaria mais ao seu coração e nada estaria mais conforme à sua natureza profunda do que o chamá-lo de “defensor do homem”, do que o marcá-lo com essa denominação.

E nenhuma outra será mais alta nem mais nobre.

Gênio ele não o foi senão no sentido de que a sua força verbal ultrapassou os limites normais da eloquência. Dele não poderemos dizer, outrossim, que tenha sido um grande estadista, mesmo porque não teve ele a ocasião propícia para demonstrar as suas qualidades objetivas de condutor de um país e de governante excepcional; e dizer que foi o maior cidadão de seu tempo, será explicá-lo.

Defensor do homem, porem, meus senhores, que alto destino é o merecer este nome!

Que glória imensa e que triunfo é o ser assim chamado, quem já não é mais um homem, mas uma alma!

Que valor, senhores, diante disso, terá o pobre título de Presidente da República, que lhe negaram sempre! Ruy Barbosa defensor do homem! De certo ele merece essa consagração.

Se houve uma constante na sua vida, se houve em toda a sua existência um sentimento forte, foi esse de defensor, de patrono, de amparo aos perseguidos, aos desprotegidos, aos sequiosos de justiça.

O que ele foi, resumem os que o desejam reduzir a pequenas proporções, foi um simples advogado. E dizem certo. Ele foi um advogado. Toda a sua obra revela e traz a marca da sua vocação de defensor, de advogado. O que ele fez bem, foi defender. Defendeu a linguagem, defendeu os autores que amou, defendeu interesses alheios, defendeu interesses nacionais e mundiais, defendeu o homem esquecido do "hinterland" brasileiro, defendeu idéias, sentimentos, doutrinas, defendeu sempre, mesmo quando acusava, pois nunca pôde ser contra alguma coisa sem estar a favor de outra; e sendo uma natureza combativa, um homem de luta, um homem sempre disposto à guerra, contumelioso, capaz da violência e do ataque, não foi, não o poderão jamais acusar de ter sido um destruidor, um voluptuoso da morte, um ser de ódios estereis. Sua natureza afirmativa o levava sempre para as tarefas construtoras; era todo ele afirmação, energia, confiança. Foi, realmente, um advogado, e sua missão era a de servir de dique à violência, viesse ela de onde viesse.

Defensor do homem, defensor da pessoa humana, defensor do indivíduo!

A meditação de sua vida trará aos que a ela se dedicarem a convicção de que essa preocupação de vingar as vítimas da

prepotência e da tirania foi total e permanente na sua longa e admirável existência, nessa bela existência que somos forçados a admirar, mesmo colocados no outro lado das suas idéias e doutrinas.

Ruy Barbosa defensor do homem! E' preciso repetir isto. Campeão do abolicionismo na hora ardente da primeira mocidade, é uma injustiça o não ser ele citado como um dos "leaders" da grande cruzada que libertou o Brasil da mancha escravista. Defensor dos humildes, defensor das causas da liberdade, defensor do cidadão ameaçado nos seus direitos, sua figura é sempre grande e inalterável.

O que de melhor nos deixou ele escrito, no sentido de mais autêntico e de mais impressivo, foi o que lhe inspirou a participação no drama do homem perseguido.

Visionando, quando do seu exílio na Europa, o caso Dreyfus, numa antecipação genial dos acontecimentos, Ruy Barbosa escreveu a página memorável que todos conhecemos, em que não só defendeu uma inocência presumível, como estendeu essa defesa ao culpado hipotético, condenando o martírio em si mesmo, a exibição do homem a pública degradação, o espetáculo, enfim, da miséria humana, exposta no suplicio ensaiado, estudado, antecipado, tudo isto num requinte que diminuía e aviltava o sagrado direito de punir.

Na sua campanha pela intervenção do Brasil na guerra européia, o que ele visou, o que lhe deu de certo a força da sua enérgica paixão, foi ainda aí o homem, que ele julgava ameaçado nos seus sagrados direitos.

Defendendo simples "habeas-corpus" para as vítimas da intolerância política da sua época, ou defendendo nações ameaçadas na sua liberdade e no seu direito, a flama ruysta é sempre a mesma. O seu verbo ardente, a sua voz cadenciada dentro do estilo, disciplinado ao modelo dos mestres, Vieira principalmente, e às regras e preceitos puristas, lembra um trecho de mar selvagem contido entre penhas.

Sua lógica se desenvolvia martelante e terrível, toda vez que ele defendia alguma coisa ou a si mesmo.

Era um forte, era um homem, era uma nobre figura.

Impossível falarmos dele sem calor, sem sentirmos tudo o que ele foi.

E' compreensível que não o possamos situar entre os que são os mestres do nosso pensamento. Ele não terá sido, a rigor, um homem de pensamento original; a qualidade da sua inteligência pode não se afinar também com a ideal inteligência a que sempre aspiramos. Podemos julgá-lo um bovarista, um iludido, um homem que esteve muito submetido, por vezes, aos preconceitos do seu tempo, acreditando infalivelmente em coisas que eram apenas de uma hora e de uma fase, e recolhendo dessas crenças sofrimentos e amarguras. E' possível mesmo que suas rápidas entradas no mundo das letras não nos pareçam sempre muito altas e felizes, que as suas tentativas de interpretação e crítica apresentem em certas ocasiões um caráter um tanto superficial, como aconteceu, por exemplo, com o que ele escreveu sobre Carlyle, que é apenas visão exterior, geral e panorâmica, jogo brilhante de retórica, onde não descobrimos um clarão profundo, uma penetração verdadeira nos temas, a não ser aquele vigor natural de tudo o que vinha de Ruy Barbosa; é possível que, levados por uma crítica rigorosa, cheguemos à conclusão que o espírito de síntese, que é a primeira face da cultura, não raro lhe tenha faltado, e que nem sempre se possa encontrar densidade no que ele escreveu. Mas, apesar de tudo, e isto é realmente estranho e milagroso, a sua grandeza está sempre presente, no que dele se originou, grandeza autêntica que resiste a todas as coisas, mesmo à falência dos seus prognósticos e princípios e às próprias exigências do "esprit de finesse".

Ele foi um grande; inutilmente o tentarão afastar do lugar que a sua excepcional existência conquistou; inutilmente o tempo se voltará contra ele, desmentindo-o na sua confiança nas doutrinas que julgava perenes; inutilmente as modas se estão distanciando dele. Mas nada o conseguirá diminuir; nem a bibliotecas, nem o espírito crítico e amargo do seu volúvel povo, nem esse sinal negativo que nos conduz sempre; nada alterará sua grandeza, a majestade de sua figura, nada o conseguirá desconceituar.

E já agora, depois da experiência ter descido melancolicamente sobre o espírito da geração que o desconheceu tanto, quem nos dirá que Ruy Barbosa não entrará também nesta revisão de valores que estamos principiando insensivelmente a proceder? Quem nos dirá que não o vamos olhar, em pouco tempo, com olhos melho-

res, descobrindo encantos desconhecidos na sua grande personalidade?

Saberemos, então, que ele foi um imenso país contendo as províncias mais diversas; que teve entusiasmos e execrações sagradas; que foi crédulo e foi lúcido ao mesmo tempo.

Saberemos, então, que ele foi um homem sempre voltado para as grandes alturas do sentimento, cultuando o dever, o espírito familiar, o amor da Pátria e a honestidade pública e privada.

Ele foi uma alma sensível a uma certa poesia, principalmente à grandiosa; e formou o seu espírito no conhecimento íntimo e no amor dos clássicos, tendo vivido entre eles os melhores e mais alegres momentos de sua vida, participando das aventuras dos heróis antigos e sentindo a alma de um Shakespeare, de um Milton, ou de um Goethe, personagens e autores, que marcaram com uma luz viva e eterna um lugar no escuro tempo do mundo.

A sua prosa está povoada das figuras remotas, as da ficção e as da história, marcada pela influência dos clássicos do nosso tempo. A saturação dos seus conhecimentos das velhas letras humanas, sem as quais não se afina nem se educa o homem, e que é o que mais nos tem faltado a nós brasileiros, o seu conhecimento das fontes de enriquecimento e de vida perene, estão bem provados nestas numerosas estantes que nos cercam, em que se guarda o que de mais alto e permanente produziu o espírito humano, e nos comentários que ele deixou à margem dos seus amados livros, desses livros que lhe não faltaram nem o traíram jamais.

Admirável leitor, leitor incansável, a quem as ante-manhãs não surpreenderam jamais no leito, como ele próprio declarou na sua oração aos moços, Ruy Barbosa conheceu também os pequenos e nobres prazeres que os clássicos ensinam a amar, esses altos e simples prazeres que Vergílio melhor do que nenhum outro revelou e celebrou com a sua voz inimitável, de uma doce e humana pureza, — prazeres que a natureza prodigaliza ao homem amoroso dos seus encantos sutis e numerosos.

Dos seus livros, dos seus tratados, dos seus estudos intermináveis, este grande condutor de massas humanas, este intímido defensor do homem, que era também um mestre de direito e da linguagem materna, sabia sair para os jardins, que são estes mesmos jardins, que separam e isolam do mundo esta Casa, que é hoje de recolhimento e de meditação.

A mesma forte mão, enérgica e terrível, que marcou, armada com a pena impiedosa, a ignomínia dos tempos e das pessoas, sabia se adoçar para o uso das velhas edições e para o cultivo das rosas, dessas rosas mesmo efêmeras, que nas manhãs perdidas de S. Clemente consolavam com os seus frescos e lípidos sorrisos a alma tantas vezes amargurada do paladino, do Cid das liberdades públicas. Soube ele cuidar quase religiosamente das suas flores, soube descrever o dealbar e as noites lípidas, como soube também fixar, numa pequena página comovida, a volta das andorinhas de Campinas, para os velhos e acolhedores telheiros, abrigos escolhidos e tranquilos dessa pequena e aérea multidão erradia.

Ele sabia, de certo — e quem melhor do que ele o sabia? — ferretar os seus adversários, queixar-se, revoltar-se, como velho rei Lear de uma nova tragédia, do abandono, da ingratidão de suas filhas, dessa democracia, desse liberalismo, desse voto popular que jamais lhe deram a vitória definitiva, amedrontados pela imperiosa vontade das armas ou pela pressão maliciosa das forças perspicazes da política; mas soube cantar também as coisas mais altas, lípidas e pacíficas da história do homem na terra, como o fez com alma unvida, certa vez, celebrando os encantos e os mistérios do Natal.

Conhecê-lo bem, meus senhores, será rigorosamente admirá-lo muito.

Enquanto houver um pária da justiça, um perseguido, uma vítima da prepotência, ele, Ruy, estará presente entre nós.

O amor à liberdade, de que ele foi um ardente e indormido campeão, pode sofrer arrefecimentos e desconfianças em certas épocas, mas esse amor é eterno no humano coração.

A liberdade, áspera conquista, é uma religião. Pela liberdade, quantos não sofreram e se sublimaram no sofrimento! Há um rio de sangue, que digo? um mar de sangue que desce pela História e que vem de longe. Há um mar de sangue que a História contem e esconde no seu bojo. Há um mar, que se formou ao longo do tempo, do sangue dos que amaram a liberdade.

O ideal de liberdade, meus senhores, não é uma imposição do homem do século XIX, é uma constante inalterável da própria alma humana. O homem aspira a ser livre, isto é, a se realizar, alcançar a sua plenitude, a cumprir o seu destino e a ser semelhante ao seu Criador, quer dizer, a mover-se por si mesmo dentro

da sua atmosfera. A ordem é o fruto da liberdade, quando a ordem é uma realização da harmonia, quando a ordem é o estado em que a vida de todos é permitida e protegida.

E' possível que, em certo momento, mas assim mesmo passageiramente, sejamos forçados, para a defesa das liberdades, a ceder alguns dos nossos direitos, como o viajor que se abriga no pouso que a Providência lhe indicou, para se proteger da tempestade; é possível que abduquemos de nossas licenças em favor da Pátria, em certos períodos escuros da vida nacional, em algumas dessas horas incertas, em que a História se parece tornar perigosa, tumultuária e desordenada no seu ritmo. E' que a Pátria que nos merece esse sacrifício é a condição primeira da própria liberdade e só em pátrias livres seremos livres também. Mas essa abducação de direitos e de licenças só pode ser obra de amor lúcido e não de cega submissão. Em certos momentos, os homens, como os próprios países, precisam sufocar os seus ímpetos, mas isto não quer dizer que a liberdade nós a possamos desprezar ou abandonar, mesmo porque ela não nos pertence, não pertence a nenhuma geração, não é de ninguém, é uma luz que vem caminhando, ora trêmula e bruxoleante, ora esplêndida, viva e plena, conforme o tempo é sereno ou áspero. A liberdade é uma luz que vem caminhando, mantida à custa de muito sofrimento, de muita lágrima, de muita renúncia, de muita resignação, e só mesmo para salvar a ordem, suprema liberdade, só mesmo para se defender de si mesmo ou dos outros é que podemos permitir que o exercício dos direitos de homens livres sofra uma pausa.

Foi o que Ruy Barbosa nos ensinou. E' isso que o gesto de realismo político que ele praticou certa vez, indo votar, com passo já incerto, diante da ameaça de perturbação revolucionária, o estado de sítio, — no governo Bernardes, já nas proximidades da sua morte, traduz e ilustra.

Ruy Barbosa pode ter sido um excessivo e um prolixo, pode ter-se deixado embalar, por vezes, pela música do seu próprio verbo, mas não foi um demagogo e não falou por falar.

Ele era, de resto, um homem de ordem. Digam o que disserem os seus julgadores apressados, toda a sua vida respira esse desejo de método, de aplicação voluntária e de trabalho.

Toda a sua personalidade, mesmo contemplada agora de longe, numa hora que não lhe é propícia, nós a sentimos penetra-

da de uma grave sinceridade. Ele era um sincero, era o sacerdote de uma idéia sagrada, à qual não traiu jamais, a idéia de defender o homem. E enquanto o homem precisar de defesa, e isto será sempre, enquanto o mundo não for um equilíbrio perfeito e impossível, enquanto fracos e fortes estiverem uns diante dos outros, a figura de Ruy Barbosa terá que ser olhada com o respeito que merecem e reclamam os heróicos, os autênticos servidores da Pátria, os que não mentiram à sua missão e ao seu destino.